

PENSAMENTO CRÍTICO E IDENTIDADES SOCIOCULTURAIS: UMA BREVE ABORDAGEM A PARTIR DE CONTEÚDO EDUCOMUNICACIONAL¹

CRITICAL THINKING AND SOCIOCULTURAL IDENTITIES: A BRIEF APPROACH BASED ON EDUCOMMUNICATIONAL CONTENT

ADRIANA C. A. DO AMARAL²

CAMILA ESCUDERO³

RESUMO

Partindo da perspectiva da Educomunicação, o objetivo deste trabalho é estudar como o exercício de técnicas jornalísticas como atividade complementar no Ensino Fundamental pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes sobre sua própria realidade (sociedade, escola e bairro) e melhor conhecimento de suas identidades socioculturais. Para isso, fizemos uso de análise temática de seis edições da *Revista Imprensa Jovem*, publicadas entre julho de 2021 e dezembro de 2023, estruturada em cinco categorias-tema (Cultura, Comportamento, Social, Escola e Bairro). A publicação é fruto de um projeto de extensão realizado entre o Programa de Pós-Graduação e Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo e o Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Ensino da Prefeitura de São Paulo. Destaca-se que os estudantes, ao assumirem um compromisso comum na produção da publicação, traçam um percurso de diálogo que transparece nos detalhes das pautas e reportagens, revelando o universo identitário sociocultural envolvido (abordagens sobre juventude, gênero, raça, cidadania, hábitos, costumes, tradições e lugar de mundo) e um olhar crítico sobre a realidade vivida, inclusive, com propostas de soluções e elementos para as múltiplas possibilidades de debate.

Palavras-chave: Educomunicação; Identidades; Jornalismo; *Revista Imprensa Jovem*; Ensino Fundamental

Introdução

O objetivo deste trabalho⁴ é estudar como o exercício das técnicas jornalísticas como atividade complementar no Ensino Fundamental (entre 6 e 10 anos de idade) pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes sobre sua própria realidade (sociedade, escola e bairro) e melhor conhecimento de suas identidades socioculturais. Sobre a perspectiva da Educomunicação, entendemos que o ambiente escolar é propício não só para o fazer

1 Trabalho apresentado no GT4 da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP. Para este dossiê, o trabalho foi revisto e aprofundado.

2 Mestre em Comunicação e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, jornalista. E-mail: adrianaalvesdoamaral@gmail.com

3 Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: camilaescudero@uol.com.br

4 Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada oralmente, em forma de resumo expandido, na XVII Conferência de Comunicação Cidadã, realizada em São Paulo, em junho de 2024.

jornalístico como uma prática intelectual, mas, também, para a reflexão sobre pertencimentos, engajamento e consciência social dos envolvidos.

Para isso, fizemos uso de análise temática (AT) de seis edições da *Revista Imprensa Jovem (Revista IJ)*⁵, uma produção jornalística de formato digital feita em parceria entre o Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Ensino de São Paulo e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (POSCOM-UMESP). De abordagem qualitativa, a AT como técnica de pesquisa foi escolhida por permitir “identificar, analisar e relatar padrões, ou seja, temas, dentro de dados colhidos empiricamente”, organizando e descrevendo o “conjunto de dados em detalhes, além de interpretar aspectos do tema de estudo” (ESCUDEIRO, 2020, p. 91).

Foram selecionadas as matérias com chamadas nas capas e algumas outras de destaques⁶ das seis edições iniciais da *Revista IJ* – publicadas entre julho de 2021 e dezembro de 2023. No total, essas edições reuniram 34 escolas, 264 estudantes e 44 professores do Ensino Fundamental da rede pública municipal da cidade de São Paulo e 13 pós-graduandos do POSCOM-UMESP, além de estudantes da graduação da universidade e colaboradores externos. Ao todo, foram 115 páginas⁷ diagramadas contemplando reportagens jornalísticas. Todo o *corpus* (detalhado na tabela abaixo) foi analisado a partir de cinco categorias temáticas: Cultura, Comportamento, Social, Escola e Bairro.

Tabela 1 – *Corpus* analisado

Edição 1	Quant. de páginas analisadas	Chamadas de Capa	Matéria de Destaque
Julho 2021	32 páginas	<ul style="list-style-type: none"> * A cidade e a vida * Pandemia de Covid-19 * Os desafios do ensino híbrido * A preparação para o Enem * A falta das aulas de Ed. Física * HD Jovenilda Confinada 	<ul style="list-style-type: none"> * Cultura Maker * Videoperformance nas escolas
Dezembro 2021	40 páginas	<ul style="list-style-type: none"> * Era digital * Games * Redes Sociais * Comportamento * Pesquisa * Profissão Youtuber 	<ul style="list-style-type: none"> * Consequências do negacionismo científico em época de Covid-19

5 Todas as edições estão disponíveis em arquivo PDF no link: <https://comunicanossagente.wordpress.com/>

6 Algumas matérias, apesar de não terem sido chamadas nas capas, foram escolhidas para integrar a AT por conta de sua qualidade técnica, profundidade na abordagem do tema, e criatividade na execução, a partir de um consenso entre os membros da equipe ligada ao POSCOM-UMESP que atuam nas edições. A esse conteúdo, nomeamos neste texto como “matérias de destaque”.

7 Cada edição da *Revista IJ* não tem número pré-determinado de páginas, o que varia de acordo com o número de escolas envolvidas e produção dos estudantes e demais colaboradores.

Edição 1	Quant. de páginas analisadas	Chamadas de Capa	Matéria de Destaque
Julho 2022	39 páginas	* Veja os desafios e as diversões de um passeio inclusivo * Conversamos com Nina Pandolfo, uma das maiores representantes do Street Art do país	* Jovem, Política e Eleições
Dezembro 2022	48 páginas	* A copa dentro da Escola * A vez das meninas e dos refugiados no Brasil * Um passeio pelos 200 anos de independência no Brasil	* Um mundo campeão
Julho 2023	36 páginas	* O medo e seus desafios para alunos e professores * A história de uma adolescente refugiada * Música a gente escuta por aqui	* Pela paz na escola
Dezembro 2023	56 páginas	* Projeto Imprensa Jovem completa 18 anos com uma verdadeira revolução infantil * Registros de memórias, afetos e desenvolvimento de ações * As transformações na escola, no bairro, na forma de se aprender, de se comunicar e até brincar	* Estamos em festa

Fonte: Autoria própria (2024)

Conforme Escudero, Amaral *et. al* (2023, p. 85-86):

Todo o processo de elaboração das edições da Revista IJ se inicia com alunos e professores da rede municipal – ao lado de estudantes [mestrado e doutorado] e professores da Universidade do curso de Comunicação Social –, realizando workshops sobre jornalismo, no qual apresentam técnicas de produção de reportagem em formato de texto e discutem as pautas.

(...) A partir de então começam os trabalhos por parte dos estudantes do Ensino Fundamental de definição de pautas, apuração de informações por meio de pesquisas, entrevistas, leituras etc., redação do texto, e definição e elaboração, ainda, dos elementos gráficos ilustrativos (fotos, desenhos, infográficos, entre outros).

O material produzido⁸ é concentrado e diagramado no POSCOM-UMESP. As páginas montadas voltam para as escolas para a revisão final e a revista é publicada. Posteriormente, no caso da equipe da universidade, é realizada uma reunião para avaliação dos trabalhos e resultados.

Como técnica auxiliar para a produção deste artigo, foi utilizada, ainda, a observação participante, uma vez que as autoras deste trabalho atuam na produção e coordenação do trabalho da *Revista IJ* por parte da universidade junto ao núcleo de Educomunicação da SME. Segundo

8 Cada edição é feita envolvendo de 5 a 7 escolas. Em cada escola, participam voluntariamente estudantes do Ensino Fundamental coordenados por um professor, geralmente de Língua Portuguesa, Artes ou Poed (Professor Orientador de Educação Digital).

Thiollent (2002, p. 4), trata-se de uma pesquisa “realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação”.

Educomunicação: jornalismo, educação e identidades

Segundo amplamente estudado por Soares (2001; 2002; 2011; 2014), a Educomunicação é definida como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer canais comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p. 24). “A educação para a comunicação, o uso das tecnologias na educação e a gestão comunicativa transformam-se em objeto de políticas educacionais, sob a denominação de Educomunicação” (SOARES, 2001, p. 37).

Apoiada, especialmente, na ideia de diálogo e liberdade explorada por Paulo Freire – “Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (Freire, 1970, p. 79), traz o estudante para o papel de protagonista de todo o processo, valorizando não só suas habilidades e competências individuais, mas também o trabalho coletivo e as identidades construídas no que Hall e Woodward (2014) definem como “circuito de cultura”.

A elaboração de identidade requer reconhecimento (raça), é relacional (requer convivência), gera reivindicações (exige negociação) e está contextualizada no contexto do ‘circuito da cultura’. A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (Hall; Woodward, 2014, p.18).

No caso da experiência da *Revista II*, os estudantes são estimulados a produzirem conteúdo jornalístico, e, assim, o desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, é trabalhado o gênero reportagem (Melo; Assis, 2016), passando pelas discussões de técnicas que envolvem pauta, pesquisa e apuração, organização do material, redação, ilustração e revisão final.

Importante destacar que a reportagem como gênero jornalístico, ainda de acordo com Melo e Assis (2016), possui características próprias que a tornam única, mesmo se equiparada a outros formatos, seguindo uma lógica estabelecida historicamente, conforme o desenvolvimento da própria atividade jornalística. Daí a importância da metodologia da pesquisa-ação aplicada neste trabalho.

(...) alertamos para o fato de serem insatisfatórias apenas as análises textuais [de material jornalístico] para a compreensão do objeto. É necessário ir ao cerne da questão, ou seja, à prática. A leitura correta e coerente das formas de expressão jornalística – independentemente da finalidade – só se torna possível com a apreensão do processo, dos bastidores, dos antecedentes. Se não, corre-se o perigo de se deixar levar apenas pela entonação ou pela aparente intenção de um texto (Melo; Assis, 2016, p. 51).

No caso da *Revista II*, a reportagem remete a um diálogo e exercício de pesquisa, compreensão e interpretação que, acreditamos, estar relacionado não só ao desenvolvimento identidades socioculturais, mas do pensamento crítico dos estudantes relacionados ao julgamento de proposições, argumentos e opiniões sobre determinados temas a partir de participação ativa e consciente capazes de justificar crenças e decisões. “Uma matéria jornalística faz parte de toda uma engrenagem, um processo de decisões. Quer o repórter queira ou não” (Medina, 1986, p. 26). De acordo com Lage (2023, p. 49), não se trata apenas da tarefa de selecionar, acompanhar e relatar um fato, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes – em suma, investigar e interpretar” (Lage, 2023, p.39).

Processo de produção da *Revista II*

Para a elaboração de cada reportagem é realizado um primeiro encontro com os estudantes das escolas selecionadas para integrar a edição⁹, geralmente entre cinco a sete escolas, os bolsistas do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (atividade vinculada ao Programa de Extensão “Comunica Nossa Gente”, da Umesp). Nesse encontro, *via de regra*, presencial¹⁰, é apresentado o projeto da *Revista Imprensa Jovem* e convidam as crianças e jovens para “serem jornalistas por um semestre”. Explica-se não se tratar de uma atividade obrigatória, mas, de uma oportunidade aberta para aqueles que estão dispostos a integrar o time de jornalistas do *Programa Imprensa Jovem*. Enfatiza-se a necessidade de se responsabilizar pelo compromisso assumido, esclarecendo que os nomes de todos os participantes são registrados nos créditos da edição, e que a experiência pode ser inserida no *currículo vitae*.

Na sequência, questiona-se quem, dentre eles, se considera um leitor. São comuns respostas do tipo: “eu não leio, nem jornal nem revista”; “nós gostamos mesmo é do Tik-Tok”. Quando perguntamos como os bairros onde eles vivem – na maioria periféricos – são divulgados pelos noticiários tradicionais, as respostas costumam ser taxativas: “só aparecemos na televisão, rádio e nos jornais quando há um crime ou uma tragédia na vizinhança”. A próxima pergunta, frequentemente, os deixa reflexivos: “o que você mostraria numa reportagem sobre o local vocês vivem”? Aos poucos os estudantes se abrem: “tem um parque bonito aqui”; “aqui tem gente bacana”; “você sabia que o artista (fulano de tal) nasceu no nosso bairro ou estudou na nossa escola?”; “eu faria uma reportagem sobre a nossa festa”; dentre outras sugestões.

Nesse contexto, aprofundam-se os debates apresentando desde o conceito de notícia até as técnicas para elaboração de uma reportagem, da pauta, dos recursos de diagramação à edição final, geralmente com base em conceitos de Lage (2023), Medina (1986) e Pinto (2009). Procura-se mediar os encontros e as orientações de modo horizontalizado, ou seja, dando apenas o suporte para as questões técnicas e estimulando os estudantes a participarem e a produzirem, assumindo todo o protagonismo dos trabalhos.

Aprender, enquanto processo de assimilação de conhecimento e da cultura estruturante de uma sociedade, é processo de despertar, no educando, das capacidades de apreensão do seu meio a partir da sua curiosidade natural e

9 As unidades escolares que participam de cada edição são indicadas pelos responsáveis do Núcleo de Educação da SME-SP.

10 Apenas as edições de 2021 tiveram encontros totalmente virtuais por conta da pandemia de Covid-19.

daquilo que as pessoas de sua realidade social julgam importante a ser assimilado, adquirido, internalizado, O processo é, pois, estimulado por uma complexa dinâmica social (Guimarães, 2020, p. 19).

Depois de muita conversa o desafio é lançado: quem gosta de pesquisar, entrevistar, fotografar, escrever, desenhar etc.? Nessa hora, geralmente, há um tumulto no grupo, assim quando começamos a pensar nas possíveis pautas. Explica-se a importância do trabalho coletivo e da ajuda mútua. Ao término do encontro, é dado um prazo de cerca de duas ou três semanas para a definição da pauta, já que os encontros reservados para as atividades costumam ser semanais. Algumas edições são temáticas, seguindo a agenda pública do momento (por exemplo, eleições, Copa do Mundo, violência nas escolas etc.); em outras, a liberdade da escolha da pauta é total não havendo nenhum direcionamento do foco para um tema central, entretanto, este sempre deve ser relacionado ao universo infanto-juvenil, escolar, periférico e suas especificidades.

Ao produzir um jornalismo condicionado por essas territorialidades, essas iniciativas emprestam à produção jornalística características diversas. Essas peculiaridades se apresentam ao longo de toda a cadeia de produção. E mexem em dimensões caras ao jornalismo de olhar periférico. Isso acontece na própria estruturação dessas iniciativas, em que os modelos de gestão se alternam e estabelecem especificidades à atuação de cada organização, o que não deixa de respingar nas rotinas de trabalho. A defesa de um jornalismo 'posicionado' também é um fator de diversidade (Patrício, 2023, p. 9).

Desses encontros participam, também, pelo menos, um professor da escola, geralmente de Língua Portuguesa, Artes ou Professor Orientador de Educação Digital (Poed). O apoio desses profissionais é fundamental para todo o processo e articulações envolvidos. Na maioria das vezes, esse profissional se dedica inteiramente à produção, estimulando os estudantes e organizando o material para a diagramação. Durante o restante do processo até a publicação da revista, há muita troca de mensagens via WhatsApp e *e-mails*¹¹ entre os participantes da unidade escolar e os pós-graduandos da universidade e, frequentemente, outros encontros presenciais são realizados para esclarecimento de dúvidas, eventuais mudanças de abordagem da pauta, produção de novos materiais que não haviam sido pensados previamente etc.

Pautas que refletem a realidade vivida e os planos sonhados

Descreveremos, na sequência, exemplos de trechos e focos de reportagens publicadas e abordagens, dentro das categorias temáticas estabelecidas. Foram elas:

- Cultura: atividades e práticas culturais (artes, dança, teatro, música, cinema etc.)
- Comportamento: maneiras de ação e/ou expressão e procedimentos de uma pessoa (criança e jovem) em relação a outras
- Sociedade: aspectos da organização e estrutura social
- Escola: ecossistema escolar
- Bairro: localização geográfica da escola

¹¹ Nem sempre os resultados aparecem: ao longo das seis edições, houve desistências e, até mesmo, desequilíbrio no cumprimento das demandas, quando poucos estudantes assumiram os trabalhos. Lembramos que ao longo das edições, duas delas foram realizadas em ambiente de isolamento social, em decorrência da pandemia da Covid-19, o que dificultou os trabalhos.

Importante ressaltar que a revista não tem editoriais fixas. Assim, a ideia dessas categorias não é representar a estrutura da revista, mas, sim, a presença e formas de abordagem deste conteúdo na publicação. Assim, todas as categorias estão contidas nas seis edições analisadas e aparecem de maneiras distintas nas reportagens que compõem nosso *corpus*. Para fins de sistematização e redação, tentamos privilegiar nas considerações abaixo as que apresentam maior relação com o tema indicado.

Cultura

A capa da primeira edição direciona os leitores para reportagens sobre o grafite, *cultura maker* e *videoperformance*, mostrando que as manifestações culturais populares coletivas estão no radar dos estudantes. O título evidencia a prática da grafiteagem: “muito além de desenho, é capaz de transformar vidas”, enquanto o subtítulo sugere que, além de mudar comportamento dos artistas, as produções “questionam os problemas da sociedade”. Sobre a *cultura maker* (técnica de educação que pode ser traduzida como “faça você mesmo”), a reportagem enfatiza a prática em sala de aula em uma escola da periferia de São Paulo, indagando: “quem nunca sonhou em ser artista?”

Na segunda edição, há uma reportagem sobre jogos digitais que, ao mesmo tempo em que aborda o tema a partir do entretenimento – com dicas para passar de fases, por exemplo –, sugere limites de tempo diante da tela, além de debater a questão da representação de gênero nos *games*. Traz ainda ilustrações autorais das crianças e jovens.

Uma reportagem sobre *street art* consta na terceira edição, com uma entrevista. O texto indica se tratar de uma manifestação cultural livre e, como evidenciado no título, que a “arte de rua não tem limites”.

Na quarta edição, o futebol como expressão cultural é a reportagem de capa, na qual as crianças de uma turma aparecem vestindo a camisa da seleção brasileira, inicialmente. No entanto, a leitura (ainda que superficial) do texto enfatiza o futebol como prática sociocultural e tradição do povo brasileiro.

Destacamos uma reportagem na quinta edição sobre música, na qual estudantes entrevistaram professores e profissionais do ramo, além de crianças e jovens da escola sobre gostos e habilidades musicais. Fazem, ainda, sugestões de *playlist*, trazem uma letra de música composta por um estudante, sugerem aulas de violão e encerram com uma minibiografia de uma cantora nascida no bairro.

Por fim, na sexta edição, os jogos, novamente, são tema de reportagem, revelando a sua importância no universo juvenil. Os estudantes selecionaram 18 *games* que, na opinião deles, são icônicos, por serem os “mais polêmicos da história”. Nesse sentido, trouxeram para o debate, a importância da classificação etária para direcionar o consumo.

Comportamento

Em uma das reportagens da primeira edição há a fotografia de uma quadra de esportes vazia, repercutindo os impactos cognitivos e sociais da ausência das aulas de Educação Física na vida dos estudantes em consequência do isolamento social decorrente da Covid-19 (na época

as aulas aconteciam em ambiente híbrido). A questão é ilustrada pelo trecho: "O estudante está em fase de desenvolvimento cognitivo, físico e motor e a falta de estímulo pode causar uma diminuição de massa muscular e atraso no desenvolvimento de capacidades físicas. Os prejuízos causados por essa pandemia são incalculáveis".

Na segunda edição, é curioso notar tanto no texto quanto nas ilustrações (a maioria delas elaborada pelos próprios jovens) que, no início da pandemia, os estudantes já se atentavam a um debate nacional que se intensificou durante o isolamento social: o "negacionismo científico". Os estudantes se posicionam em defesa da ciência: "A ciência trabalha pela vida, pesquisa pela vida, procura sempre formas de combater malefícios que acometem a sociedade. Viva a ciência!"

Já a terceira edição, publicada em período de eleições presidenciais no Brasil, teve como foco a política. A reportagem de abertura traz o questionamento sobre a decisão de votar e se abster desse direito, inclusive com charge desenhada por uma criança. A enquete procurou saber a opinião dos estudantes sobre a obrigatoriedade do voto no Brasil, mas, também, debateu a importância do voto da juventude. Os autores informaram sobre os cargos eletivos e criaram atividades lúdicas sobre a temática das eleições.

A quarta edição revela um comportamento juvenil bastante típico em época de Copa do Mundo: a mania de colecionar figurinhas de álbuns do Mundial. O texto explicita essas atividades entre os jovens, como se dá a dinâmica das trocas nas escolas, apresentando, ainda, questões sobre equidade e normas e condutas quanto à prática.

Uma matéria bastante interessante sobre comportamento envolvendo minorias sociais na escola é o tema de reportagem analisada publicada na quinta edição. O texto, intitulado "Sobrevivendo ao medo. Um refugiada no Brasil", é escrito por uma estudante refugiada matriculada em uma das escolas e mostra o testemunho da adolescente, não identificada por questões legais, do desafio de viver em um país diferente, em meio a imposições culturais e luta por sobrevivência. A matéria é complementada pelo depoimento do professor da jovem. Na mesma edição, há, ainda, uma reportagem sobre depressão na adolescência, que revela como a patologia atinge os estudantes, com entrevista e dicas de como identificar e buscar ajuda.

Na sexta edição, a preocupação comportamental se dá em torno da chegada da maioridade. Sob o título "Vozes em Ação – 18 anos de transformação e revolução estudantil", a reportagem revela as angústias dos jovens pelas responsabilidades advinda; morar sozinho aos 18, será que dá certo?; 18 anos e agora? Vou trabalhar com quê? E, num complemento, relatos de estudantes que estavam na época da publicação próximos de completar 18 anos. Interessante notar que, especificamente nessa reportagem, percebe-se uma projeção de sonhos e desejos dos autores do texto, uma vez que são crianças na faixa dos 10 anos de idade.

Sociedade (organização e estrutura social)

Praticamente todos conteúdos das edições revelam aspectos de ordem da organização e estrutura social. No entanto, tentamos descrever aqui os exemplos mais emblemáticos. Um deles é uma reportagem sobre exclusão social, especificamente, a exclusão digital em um momento pandêmico e relacionado ao ambiente escolar. "O ensino na rede pública não está bom", diz um trecho sobre a dificuldade dos estudantes de concentração no ambiente virtual. Em outro, uma adolescente afirma que "quase desistiu" dos estudos porque não tinha como se conectar

e assistir às aulas, enquanto, em outro, o jovem alegou as preocupações acumuladas devido à pandemia e o vestibular. A mesma questão da inclusão e estrutura social digital é presente, também, na reportagem “As redes sociais em nossa vida: como estamos lidando com a Era Digital”, publicada na segunda edição. O tema é explorado com entrevistas, enquetes e o texto apresenta ainda a profissão *youtuber*.

O relato de um passeio à Câmara Municipal de São Paulo – onde estudantes fizeram entrevista com o vereador Eduardo Suplicy – está publicado na terceira edição e traz discussões sobre a participação política e representação social, além da importância de regimes democráticos.

O tema da violência também é destacado, com uma reportagem na quinta edição sobre violência nas escolas. Os estudantes retratam, na matéria, a campanha realizada para difundir o conceito da paz na educação. A ação foi uma resposta ao clima de instabilidade sentida pela direção da escola, que manifestou a sua preocupação – e dos pais e/ou responsáveis – após atentados violentos que afligiram o país, na época. A matéria mostra como o símbolo do girassol, que remete à paz e foi considerado por uma das escolas como elemento ilustrativo do texto.

Por fim, trouxemos como destaque a abordagem da temática da infância. Uma matéria publicada revela “As mudanças nas brincadeiras nos últimos 18 anos”, que procura mostrar o ato de brincar como uma prática social. Faz um resgate histórico das brincadeiras tradicionais, com fotos das crianças e depoimentos.

Escola

Conforme já visto nos temas acima analisados, o impacto da ausência da rotina escolar e o desafio do ensino em ambiente digital, principalmente para aqueles que não têm disponível e/ou não dominam a tecnologia, é uma constante nos textos. Em reportagens específicas, porém, chama a atenção uma da segunda edição sobre o papel da escola no combate às *fakenews*. Além de contextualizar o tema, os estudantes garantiram o espaço/lugar de fala para duas educadoras, consideradas no decorrer do conteúdo como fontes e formadoras de opinião. Elas foram entrevistadas e tiveram suas imagens divulgadas em fotografias. A opinião dos estudantes da escola foi mostrada através de pesquisa de opinião.

Outra ênfase no papel da escola foi dada na reportagem da terceira edição intitulada “Democracia se aprende na Escola”. No texto, é abordada a questão política para o universo estudantil, na cobertura das eleições dos representantes do grêmio escolar e, também, como o jornalismo está inserido no ambiente da escola, na reportagem sobre o jornal mural, mostrando, ainda, o protagonismo das crianças e jovens na experiência de fazer jornalismo estudantil.

Destaca-se, por fim, na quinta edição, a escola como espaço de convívio social. A reportagem “Aqui é nosso lugar” revela o protagonismo do estudante, tanto no desenvolvimento e utilização do projeto da própria *Revista IJ*, como no registro da memória de acontecimentos e relacionamentos afetivos, como a amizade e gratidão.

Bairro

Entre as matérias, é nítida a presença do bairro como “cenário” onde as reportagens ocorrem, ou do bairro como “fonte”, ou seja, local onde são coletadas as entrevistas. A reportagem sobre grafite e as fotos publicadas foram feitas no bairro onde a escola está inserida; já na reportagem sobre *fakenews*, os estudantes percorreram o bairro a fim de desenvolver pesquisa de opinião publicada junto ao texto.

Importante destacar o foco no bairro na quarta edição da revista, em uma matéria sobre a Copa do Mundo de 2022. Ilustrado por muitas fotografias, o texto mostra como o mundial de futebol reverberou na decoração das ruas do bairro, sendo chamado de “o Catar é aqui”; além de ter recuperado parte da história do Jardim da Conquista, nome do bairro no qual a escola está localizada.

A interação entre escola e bairro é visível, ainda, no contexto do conhecimento e divulgação. Na quinta edição da revista, é divulgado um informativo da direção escolar aos pais e moradores das redondezas da escola, indicando que serão desenvolvidas atividades norteadas para a discussão da cultura da paz, visando combater o receio de pais e estudantes de frequentarem as aulas, após ataques violentos nas escolas.

Considerações finais

Pelo conteúdo da *Revista II* estudado a partir da Análise Temática (AT) dos temas Cultura, Comportamento, Social, Escola e Bairro, é perceptível a participação ativa dos estudantes: 1) Na produção da publicação, desde a definição das pautas e seus processos de desenvolvimento peculiar, inclusive com produções autorais em forma de textos, poesias, desenhos, charges etc.; 2) No exercício da produção do conteúdo, que acontece na coletividade escolar, com trocas, interações, incluindo as definições de funções entre os envolvidos a partir das preferências e competências: pesquisa, produção, entrevista, fotografia, redação, artes, revisão etc..

Assim, percebe-se que ao assumirem um compromisso comum na produção da *Revista II*, abre-se um canal de diálogo que transparece nos detalhes das reportagens. Os estudantes/professores estão presentes nos textos (de maneira direta, por exemplo, com o uso de aspas), nas imagens fotografadas ou autorais que ilustram o conteúdo, na participação de enquetes e pesquisas, e, até mesmo, em testemunhos e relatos de experiência relacionados ao tema da matéria desenvolvida.

As pautas mostram o universo identitário sociocultural dos estudantes (temas cultura e comportamento), seja por meio de abordagens sobre juventude, gênero, raça, cidadania, hábitos, costumes, tradições e lugar de mundo. Ao mesmo tempo, traz o olhar crítico dos jovens sobre a realidade vivida (temas escola, social, bairro), propostas de soluções e elementos para as múltiplas possibilidades de debate. Nesse sentido, chama-se a atenção para a constância em todas as edições das abordagens sobre cultura/artes, convívio com o diferente, territorialidade, liberdade de expressão e problemas sociais.

Pela perspectiva da pesquisa-ação, salientamos que a elaboração de cada reportagem, evidentemente, muitos desafios. Desde infraestrutura da escola para realização da produção (materiais, computadores, espaço físico etc.), até mesmo, conflitos entre os estudantes participantes, os professores e a gestão escolar envolvida. Para se ter uma ideia, em uma das edições elaboradas, o projeto precisou ser abortado por conta de incompatibilidades de pensamentos e comportamentos entre o professor que estava liderando o grupo de alunos e a diretora da unidade escolar. Além disso, por parte dos pós-graduandos da universidade, o difícil acesso às escolas (geralmente de periferias), as fragilidades que algumas crianças apresentam em seus processos de desenvolvimento cognitivo, emocional, motor etc. (muitas vezes relacionados à realidade familiar vivida em casa), potencializam as dificuldades.

Por fim, destaca-se que o fazer jornalístico baseado nos preceitos da Educomunicação e materializado nas páginas da *Revista IJ* instiga os estudantes a olharem ao redor e ampliar a sua percepção do próprio sentido de pertencimento, e como suas escolhas impactam o ambiente onde circulam. Desenvolvem-se assim não só as identidades socioculturais, mas o pensamento crítico dos estudantes sobre julgamento de proposições, argumentos e opiniões em relação à determinados temas a partir de participação ativa e consciente que acabam por justificar crenças e decisões.

Referências

- ESCUADERO, Camila; AMARAL, Adriana Cristina Alves do; GONÇALVES, Érica R.Gonçalves *et al.* Breve Relato de uma Experiência de Ensino, Pesquisa e Extensão no Contexto da Educação e Comunicação. GOBBI, Maria Cristina; DELIBERADIR, Luiza Mitsue Yasmashita, BASSI, Ingrid Gomes *et al.* (Orgs.). **CADERNOS ABPCOM: mídia cidadã na interface com a educação**. V1.Belém: RFB,2023.
- ESCUADERO, Camila. El análisis temático como herramienta de investigación en el área de la Comunicación social; contribuciones y limitaciones. *La Trama de la Comunicación*, Vol. 24, N. 2, 2020, p. 89-100. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/trama/v24n2/v24n2a05.pdf>. Acesso em: 14 maio 2024.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- GUIMARÃES, Carlos Antônio Fragoso. **Paulo Freire e Edgard Morin sobre saberes, paradigmas e educação: um diálogo epistemológico**. Curitiba: Appris, 2020.
- HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.
- LAGE, Nilson: **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2023.
- MELO, J. M. de. ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom - RBCC*, São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.
- MEDINA. Cremilda de Araújo. **Entrevista - O diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- PINTO, A. E. S. de. **Jornalismo Diário: Reflexões, Recomendações, Dicas e Exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.
- PATRÍCIO, Edgard. Elementos de decolonialidade no jornalismo de olhar periférico sob a dimensão das territorialidades. **Revista Latinoamericana de Ciências de la Comunicación**. [S. l.], v. 22, n. 42,2023. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/981/92>.
- SOARES, I. de O. "Educomunicação: De experiência alternativa à política pública". In. SOARES, I. de O. (Org.), **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. de O. **Caminhos da educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos**. São Paulo: Salesianas: Núcleo de Comunicação e Educação ECA/USP, 2001, p. 34-46.

SOARES, I. de O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA/USP – Editora, ano VIII, N.23, jan./abr. de 2002, p. 16-25.

SOARES, I. de O. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. *Revista FGV Online*, São Paulo, 4(1), 2014, p.19-34.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002